Ano XXV — Lisboa, Junho de 1969 — N.º 290

SEMPRE PRONTO

Mensário Escotista • Agraciado com "O Lis de Prata" da Assoc. dos Escoteiros de Portugal

Director e Editor
Eduardo Ribeiro

Administrador
Capitolino F. Macedo

Director-Adjunto
Joel Ribeiro

Redactor
Mariano Garcia

REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO: Trav. Vitorino de Freitas, 9 — LISBOA-3 — Telefs.: Redacção 63 66 07 — Administração 63 88 49 • Comp. e imp.·· Livraria Cruz — Braga

GAGO COUTINHO

MARINHEIRO, GEÓGRAFO, AVIADOR — E ESCOTEIRO

Está-se comemorando, com o devido relevo, a passagem do centenário de Gago Coutinho, marinheiro, geógrafo e aviador, que nasceu em Lisboa exactamente em 17 de Fevereiro de 1869.

Quando do seu falecimento, no final de 1958, as colunas deste jornal registaram o evento com as seguintes palavras: «*Morreu um escoteiro!*»

Ao exprimir-nos assim, empregávamos, de certa maneira, um lugar comum, pois já efectivamente Baden-Powell considerara escoteiros não só aqueles que um dia prestaram o compromisso de honra como tais, mas ainda os homens denodados de todos os tempos, figuras célebres, cavaleiros, exploradores, missionários e navegadores, que se entremostrassem audazes, fortes e fiéis cumpridores do seu dever, ainda que nas mais difíceis circunstâncias, por mor do que ganhassem jus a serem apontados aos mais novos como exemplares padrões de vida.

Gago Coutinho pode, sem esforço, emparceirar com essas intrépidas personalidades, cuja existência, aos nossos olhos, se apresenta cercada pelo halo da fantasia. Como B.-P., Gago Coutinho foi escoteiro pelo seu amor profundo a essa África misteriosa, que tão bem conheceu, graças às inúmeras missões que lhe foram cometidas, seja para a delimitação de fronteiras em Angola e Moçambique, seja para trabalhos geodésicos em São Tomé, onde sempre se revelaram as suas notáveis aptidões de geógrafo.

Embora de inestimável valor, esta faceta da actividade de Gago Coutinho é sobrepujada por aquelas em que os dotes de marinheiro e de navegador tiveram ensejo de demonstrar toda a esplendorosa valia. Ainda neste aspecto da sua vida, o célebre aviador-marinheiro mostra uma evidente identidade de carácter com o fundador do escotismo. Este, como militar, não se limita a cumprir os deveres de oficial do exército, mas vai mais além: dedica grande parte do tempo das suas comissões de serviço a explorar as terras em que se encontrava, a estudar os seus povos, bem como os animais e a flora. Gago Coutinho procede de forma semelhante: sendo marinheiro, aproveitou-se da circunstância de viajar em barcos de vela, que compunham a Armada portugueses desses tempos, para se identificar com os fenómenos marinhos, os ventos, as marés, conhecimentos que tão úteis haveriam de se tornar na sua ulterior actividade: os trabalhos sobre as viagens dos navegadores dos Descobrimentos.

Em 1919, Sacadura Cabral, que já havia trabalhado com Gago Coutinho nas missões geográficas em África, sendo um aviador entusiasta, recentemente brevetado em França, trata de convencer o seu «chefe», como tantas vezes lhe chamava, a estudar a adaptação do clássico sextante às viagens aéreas.

Assim aconteceu e foram coroados de êxito os trabalhos de Coutinho no aperfeiçoamento deste instrumento astronómico, que permite ao homem determinar, com exactidão, o ponto em que se encontre em qualquer parte do globo terrestre, instrumento que, até então, apenas se podia usar em terra ou no mar. A adaptação mostrou-se completamente satisfatória. Mas era necessário demonstrar, com provas cabais, a sua precisão.

Foi com este objectivo que se realizou o 1.º voo Lisboa-Madeira, em 1921, num hidroavião onde viajaram Gago Coutinho, Sacadura Cabral, Ortins de Bettencourt e o francês Soubiran. A ilha da Madeira, não obstante as pequenas dimensões, foi demandada com matemática precisão. Estava demonstrada a eficiência do novo sextante!

Mas estes bravos portugueses queriam ainda submetê-lo a um exame definitivo. Sob sugestão de Sacadura Cabral, que queria ir sempre mais além, preparou-se o histórico voo Lisboa-Rio de Janeiro, o primeiro que se realizava entre a Europa e a América do Sul. Em 30 de Março de 1922, do Bom Sucesso, em Lisboa, levanta voo o hidroavião «Lusitânia», tendo a bordo os valorosos Gago Coutinho e Sacadura Cabral. Iniciava-se, nesse dia, um feito que para sempre ficará registado nos anais da história da aviação.

A extraordinária aventura correspondeu, em tudo, às perspectivas que haviam sido traçadas. Os instrumentos de bordo provaram, nova e definitivamente, a sua eficácia. O longo salto através do oceano, que durou mais de 11 horas a partir de Santiago de Cabo Verde, permitiu alcançar, com completa precisão, os minúsculos penedos de S. Pedro, já no outro lado do Atlântico, perdidos na imensidão do grande mar.

Continua na pág. 4

COBRANÇA DE ASSINATURAS

Por motivo de aglomeração de trabalho, os serviços de cobrança de assinaturas do nosso jornal atrasaram-se um pouco. A administração está agora a fazer um esforço para pôr este serviço em dia. Agradecemos por isso que os nossos dedicados assinantes dispensem o melhor acolhimento aos recibos que lhe vão ser apresentados, favor que muito nos ajudará.

Prestar-nos-iam um grande auxílio os assinantes que quisessem ter a bondade de nos enviar a importância de suas assinaturas. A assinatura ordinária é de Esc. 30$00 por ano e a assinatura de patrocínio de um mínimo de Esc. 50$00.

DOS AÇORES

Grupo n.º 52 — Angra do Heroísmo

Festa anual dos lobitos americanos
(Blue and Gold Banquet)

Realizou-se, no dia 25-2-1969, a festa anual dos Lobitos, na Estação Americana da Base Aérea n.º 4, Lajes, Terceira (*Blue & Gold Banquet*), com 212 comparências, entre Lobitos, Dirigentes e Famílias.

Após a cerimónia da abertura, foi servido o jantar no Airman's Club, seguindo-se várias provas e pantominas pelos lobitos.

Em seguida, o chefe da Alcateia, Wheat, fez uma exposição relativa às actividades da respectiva unidade, durante o ano transacto, e depois foi feita a apresentação dos seus colaboradores e dos convidados de honra, Mr. Laird, da OSI, coordenador escotista do comando americano, e o chefe J. R. Moniz Silva, da AEP, e sua Família.

Neste acto, o dirigente escotista americano Major Eduardo Johnston, aproveitou a aportunidade para felicitar o chefe Moniz Silva (membro honorário da *Pack N.º 1-Boy Scouts of America*-Lajes *Field--Azores*, que ele ajudou a fundar em 1951), pela sua dedicação ao Movimento Escotista, que há muitos anos serve, e pela sua meritória acção em prol das boas relações e entendimento entre os povos, e nomeadamente entre portugueses e americanos.

Terminou a interessante festa com a entrega de numerosos prémios e distintivos a vários membros da Alcateia N.º 1.

Nascimento

Na paroquial de Santa Luzia, de Angra do Heroísmo, baptizou-se no Sábado Santo, com o nome de Evandro Manuel, um filhinho da senhora dona Leontina Moules da Rocha Moreira e do Caminheiro Ludgero Morais Moreira, adjunto da chefia do Grupo 52 da AEP, que havia nascido a 2 de Abril p. p.

As nossas sinceras felicitações e votos de felicidades.

Reunião anual da Fraternal

Pelo oitavo ano consecutivo, realizou-se no dia 27 de Abril último, no salão do Sport Clube Angrense, gentilmente cedido para esse fim, a reunião anual de convivência da Fraternal em Angra do Heroísmo, onde foi servido um almoço pelo conceituado Restaurante Beira-Mar, desta cidade.

Saudou os presentes, o delegado da Fraternal nos Açores, o E. C. Jacinto dos Reis Moniz Silva, que pôs em relevo o valor e o alcance do Movimento Escotista e a influência benéfica que o mesmo exerce sobre os seus filiados. A breve fala do chefe Moniz Silva serviu de pretexto para uma troca de impressões e de sugestões entre os presentes.

Tomaram parte nesta reunião, além do Delegado Moniz Silva, os companheiros Srs. Dr. Henrique da Costa Brás, Dr. Henrique Henriques Flores, Arquitecto Fernando António de Sousa, Dr. Francisco Mendes Pereira, Aurélio Bettencourt, Prof. Leopoldino R. Tavares, Ludgero M. Moreira, Henrique Teixeira de Sousa, e os nossos colaboradores, Artur Moniz Silva (da direcção do 52) e João Orlando Pereira Valentim.

Sede do 52

No dia 23 de Abril findo, abriu, profundamente remodelada, depois de extensas e necessárias beneficiações, a Sede do Grupo n.º 52, da AEP, de Angra do Heroísmo, cerimónia que teve a presença de representantes da Direcção do Grupo e da secção da Fraternal.

Realizou-se uma singela reunião comemorativa do aniversário do nosso Patrono S. Jorge, em que usaram da palavra o chefe Moniz Silva e o prof. Leopoldino Tavares.

Pelo chefe, foi salientada a secção destacada do caminheiro Luís de Melo de Borba, que, com o auxílio de quatro amigos, bombeiros voluntários de Angra como ele, forneceram desinteressada e abnegadamente toda a mão-de-obra utilizada neste empreendimento.

DE ANGOLA

II Acampamento Provincial de Escutas

De 24 a 31 do próximo mês de Agosto, realiza-se na cidade de Sá da Bandeira, no sul de Angola, o II Acampamento Provincial de Escutas, promovido pela Junta Provincial de Angola do Corpo Nacional de Escutas.

Além dos escoteiros de Angola, conta-se com a presença de representantes do Continente e dos Açores e de duas patrulhas de escoteiros da Rodésia.

Foram também dirigidos convites à União da África do Sul, que não pode enviar qualquer contingente, e ao Malawi.

Também os escoteiros de Moçambique se farão representar nesta importante actividade escotista.

O «Escotismo em Marcha» no Rádio Clube de Benguela

Esta importante estação emissora de Benguela abriu as suas portas como já noticiámos, aos escoteiros daquela cidade angolana, os quais têm apresentado, aos seus microfones, todos os domingos, um curioso programa sobre escotismo, graças à iniciativa do Grupo 39, da AEP, e dos Agrupamentos 97 e 248, do CNE.

«Escotismo em Marcha», assim se denomina este programa, tem-se dedicado a uma campanha de divulgação do método escotista e dos princípios que enformam o movimento. De particular interesse, as bem elaboradas «conversas» sobre o lobitismo que, com certeza, devem despertar o interesse das crianças por este tão interessante método educativo dos mais novos.

«Ar Livre» uma nova secção de um jornal luandense

O jornal «O Comércio» de Luanda dedica uma das suas secções, «Ar Livre», ao Escotismo.

De realçar a curiosa série de artigos que está publicando sobre a vida de Baden-Powell, da autoria do escoteiro José António Ribeiro e Cunha, do Grupo 39, de Benguela, filho do nosso prezado amigo sr. António Augusto da Silva e Cunha, chefe daquela próspera unidade escotista.

Parabéns e *boa caça* ao empreendedor José António pela sua profícua actividade.



HÁ 20 ANOS "SEMPRE PRONTO" PUBLICAVA:

«Resoluções de Angoulême»

Em Setembro do ano passado (*1948*), esteve reunido em Angoulême um congresso da *Équipe National Éclaireur*, que tomou decisões sobre a técnica escotista de tal importância que ficaram conhecidas por «Resoluções de Angoulême», as quais estão já em experiência.

.....

Em resultado da crise moral que o mundo atravessa, decidiu-se apresentar o compromisso de honra ao escoteiro, não como uma regra de moral vinda dos adultos, de quem eles hoje recebem tão maus exemplos, mas como uma lei a adoptar entre os rapazes. Os bons costumes, tomados dentro do grupo, acompanharão certamente o escoteiro durante toda a vida, que é, em suma, o que se pretende. A promessa será apresentada como um compromisso que os rapazes tomam entre si.

E a terminar estes estudos, delineia-se o verdadeiro modelo de chefe para levar a bom fim a educação escotista, nos novos moldes, desta maneira:

«Um chefe que esteja sempre próximo dos rapazes, sentindo bem que eles precisam, cheio de tacto e de delicadeza, um «chefe-irmão-mais-velho» e não um «guia de homens».

«Um chefe com espírito inventivo, sempre pensando oferecer novos programas aos rapazes, e não repetidor enfadonho de nós e do morse, mas que apresenta sempre novas actividades e que sabe descobrir lá fora instrutores competentes.

«Um chefe compreensivo, não um substituto para os domingos e quintas-feiras de certos pais e professores com os seus «não faças isso! não faças aquilo! está quieto! não metas o dedo no nariz!»

«Expulsemos os escrúpulos dos adultos, e com os rapazes divirtamo-nos sem intenções reservadas».

RAUL SOLNADO E O ESCOTISMO

Foi lindo. E nobre. Se Manuel dos Santos e Solnado fossem escoteiros, nesta hora poderiam amplamente desfazer o nó do seu lenço por terem cometido já a sua «boa acção».

Estas palavras vêm publicadas no «Diário de Notícias» do dia 6 do corrente mês, a propósito de uma tourada de beneficência, realizada no Campo Pequeno, em que foi apresentado um possível futuro *diestro*, «espontâneo» numa anterior corrida.

A este respeito, devemos dizer que Solnado, o popular actor que toda a gente conhece, foi mesmo escoteiro... ou é escoteiro, se nos lembramos que escoteiro um dia...

Pois Raul Solnado pertenceu ao Grupo n.º 2, no tempo em que este agrupamento tinha a sede na Soc. de Guilherme Cossoul.

PÁGINA DO ESCOTEIRO

VERMELHO E VERDE

Por EDUARDO MOREIRA

Do jornal «O Educador», com a devida vénia

Quando a República Portuguesa pôs de parte a bandeira azul-ferrete e branca, vinda desde o tempo da Senhora D. Maria II, não gozando, por isso, de arreigadas tradições (e não me parece, abstraindo de outros sentimentos, que fosse tão bonita como as bandeiras da Grécia e da Argentina, onde o azul é celeste, nem como a do Estado de Israel, onde o Estrela de David, azul também, na sua bela singeleza, lhe imprime particular encanto), adoptaram-se as cores de uma bandeira particular, que no Porto, em 31 de Janeiro de 1891, se desfraldara entusiàsticamente, mas por pouco tempo.

As razões finais que presidiram à escolha, quem as conhecerá? O caso é que, drapejando ao sol, com as tonalidades aconselhadas por Mestre Columbano, a nossa bandeira é bela. Desbotada, é como tudo: não a deixemos desbotar! Mantenhamos nas nossas vidas, sempre frescas e vivas, as suas cores simbólicas.

Simbólicas, disse? Mas qual é o símbolo?

Conheço o que se tem escrito sobre a matéria. E tenho pensado bastante acerca do espírito — que quantas vezes à matéria se opõe!

Um saudoso amigo dos meus dezoito anos, que até à sua sentida morte foi meu admirado mestre, o então Major Guilherme Luís dos Santos Ferreira, mestre de heráldica, a par do Conde de Sabugosa e acima de Afonso de Dornelas e dos que vieram depois, advogou de começo, em pleno regime novo, as cores da Monarquia liberal, as quais, como todos os problemas de ordem moral, tinham seus prós e seus contras. O mesmo fez Guerra Junqueiro, desejando ver, sobre o escudo tradicional, uma esfera armilar com sua peanha, a dar-me a mim a impressão, perdoe-me a sua memória querida, duma ingénua mesa de escola primária, sem a férula e só com o aparelho necessário ao estudo da geografia!

O projecto de Santos Ferreira, com sua autoridade na ciência do brasão e em tanta outra matéria, era a bandeira partida de azul e branco, divididas as cores por uma espada nua, ao centro da qual se ostentavam os velhos emblemas, sem a feição do escudo medieval, de facto pertencente à mesma personagem desaparecida, que sopesara simbòlicamente a coroa.

As quinas e os castelos, esses lá estavam, pois são felizmente perpétuos.

Mas tudo isto é história antiga, e eu, se vo-la trago aqui, é para vos falar da actual. Pois como vos falaria duma sem evocar a outra?

Eis aí a Tradição — o que «se entrega», de era para era, de geração para geração.

Pois as novas cores (dizia-me Santos Ferreira entre sorrisos) são as dos Mouros, isto é, da plebe beduína que a cavalaria árabe acompanhou, com seus progressos e suas crenças. O estandarte vermelho era o do Emir, e o verde o do Profeta.

Como estamos em Nação felizmente plurirracial e pluricultural, não fica mal lembrarmos esta coincidência, talvez inesperada para tantos.

Mas há a explicação românica, muitas vezes ouvida: o verde é a nossa flora viridente e a agricultura que nos nutre; e o vermelho é o sangue dos heróis, derramado em prol da Pátria (aquela sujeita a murchar, este sujeito a esquecer). Romântica a explicação, digo eu? E também retórica. Romântica e retórica, sincera nos sinceros, mas pedindo largo diálogo.

Ora não haverá nessa bandeira, que nos habituámos a amar, um outro significado que esteja acima das circunstâncias da história antiga e das contingências do dia presente, buscando descobrir o cerne dos factos que se deverá prolongar hoje e sempre, por nossa responsabilidade?

Considerai: a bandeira é emblema da nossa vida colectiva; as suas cores são, portanto, símbolo dos seus factores vitais. Ora o verde surge aos nossos olhos como a vida que desponta, nos rebentos e pâmpanos e comas da flora, lembrando a juventude inexperiente mas fogosa e possibilitada pelas forças há pouco adquiridas; o vermelho é o fruto resultante da vida germinando no *humus*, em semente humilde e esperançosa. Representa a maturidade por meio da qual cresceu a experiência, em detrimento da energia realizadora...

Compreende-me o leitor? Concorda?

Portugal é dos novos e dos velhos. A Pátria é até dos que partiram, que ainda comandam, pela herança ambiente e pela hereditariedade, assim como hoje é de aqueles que a sabem honrar e servir.

Tenho pena da juventude mal informada, ao vê-la desdenhar o que supõe velho, adoptando o velhíssimo (pois nada há novo debaixo do Sol e tudo que foi torna a ser, diz o «Eclesiastes»); que toma a nuvem por Juno, os dedos por hóspedes, o pouco assimilado pelo muito a adquirir; enfim, a sombra presente pelos factos perenes. Onde vai já o espírito de Academos, que fez grande a Hélade? E o dos pescadores humildes da Galileia, que alicerçam o Cristianismo?

Por sua vez, virá o tempo de se lhe obscurecerem os olhos, de se lhe toldar a mente, enfraquecer a memória, desfalecer o ânimo, perturbar-se o equilíbrio das faculdades em exercício, por mais eficiente que porventura tivesse sido. Por fim a maturidade irá declinando, a caminho dum termo esperado por todas as coisas.

Que panorama calmo e inspirador, o do país onde a flora e a fauna, a horta e o pomar, a seara e a selva se completam! Que planificação perfeita seria aquela em que todos nós, de qualquer classe ou idade ou *curriculum vitae*, nos uníssemos para o bem comum, guiados, acoroçoados, estimulados, por aquilo que se chama Tradição, e que não deve ser sòmente o verde que nos faça andar «por baixo de toda a folha», como se dizia nos velhos contos de bruxas, nem o vermelho sòmente, que nos faça parar, estagnar, e duvidar de nós próprios!

Que a maturidade se possa rever nas novas camadas, reanimada ao contacto duma adolescência que sabe fazer-se viver!

Vamos acampar?

Estamos em pleno Verão! Época excelente para a prática do Campismo, essa actividade tão agradável de que os Escoteiros foram os pioneiros em quase todo o mundo e, portanto, também em Portugal.

Mas o Campismo tem normas para que a sua prática seja útil e agradável. Toma nota dos seguintes princípios:

— Escolhe, para local de acampamento, um ponto de horizontes largos, com água e arvoredo, mas levanta a tua tenda em sítio batido pelo sol.

— Não acampes sempre no mesmo campo.

— Um acampamento é uma actividade. Se «untas a barriga com manteiga e te estendes ao sol», não fazes campismo.

— Faz amigos dos vizinhos do teu acampamento. Presta pelo menos um serviço ao proprietário do terreno que te foi dispensado: repara uma sebe, limpa os caminhos, melhora os acessos, limpa o tanque, conserta a ponte ou repara o portão. Assim serás sempre desejado.

— Não toques sequer nas colheitas ou nas árvores de fruto.

— Tem cuidado com a água que bebes. Se não te merecer confiança, ferve-a.

— Onde quer que te encontres, serás um auxiliar dos serviços de prevenção de incêndios. Não te esqueças de que no primeiro minuto o fogo se apaga com um copo de água, mas momentos depois não há água que chegue.

— Não bebas vinho no teu acampamento. Prepara alimentação sóbria e nutritiva. Substitui o café na refeição matinal por leite, farinhas, ou qualquer das bebidas nutritivas que se oferecem no mercado.

— Não uses cornetas ou qualquer instrumento que perturbe a tranquilidade dos teus vizinhos.

Os pés de quatro dedos são vulgares no mundo das aves



Os mamíferos, na sua maioria, possuem pés terminados por dedos ou cascos. As excepções a esta regra encontram-se nas famílias dos mamíferos marinhos, como a baleia e a foca.

As aves possuem dedos bem desenvolvidos, por vezes providos de garras. As garras são os pontiagudos e duros apêndices que se prendem às extremidades dos dedos dos animais. No entanto, o vulgo dá o nome de garras aos dedos das aves, e fá-lo erradamente, pois que, mesmo entre os animais de pêlo, há muitos que possuem garras.

Normalmente, as aves têm quatro dedos em cada pé. Pardais, águias, mochos, pelicanos e patos, todos eles têm pés providos de quatro dedos. É normal, também, que três desses dedos se apresentem voltados para a frente e o quarto dirigido para trás.

Note-se, todavia, que há outras aves cujos pés têm ùnicamente três dedos. Entre elas, vamos encontrar a tarambola e as aves que se alimentam de ostras, recebendo, por isso, a designação vulgar de caçadores de ostras. A ema, uma parente da avestruz, tem também três dedos em cada pé.

A verdadeira avestruz, ave africana, possui, apenas, dois dedos na extremidade de cada pata. Um desses dedos é bem maior e mais forte que o outro.

A avestruz americana, que vive na América do Sul, é mais pequena que a avestruz africana e tem o mesmo número de dedos que a ema.

Um outro apêndice que surge nas patas das aves é o chamado esporão. Pequena e pontiaguda espinha, o esporão, insere-se de um modo geral, imediatamente acima dos pés das aves. A laverca tem um enorme esporão em cada pata, esporão esse que resulta da transformação do dedo posterior.

Além disso, outras aves possuem membranas que se estendem entre os dedos, desde a sua origem até às suas extremidades. O pelicano, por exemplo, possui uma membrana que lhe une os quatro dedos de cada pata. Já os patos têm só três dedos em cada pé, unidos pela membrana referida.

(Do *Pim Pam Pum*)



Escotismo mundial: Lançamento da Operação Investigação

No dia 1 de Abril último, foi inaugurado o serviço de investigação da Secretaria Mundial do Escotismo, com a chegada a Genebra do Dr. Adolfo Aristeguieta-Gramcko, da Venezuela, primeiro director deste serviço. Trata-se de um especialista em psicologia do adolescente, que ocupava o posto de presidente da subcomissão de formação da região escotista interamericana. É seu assistente o sr. Malek Gabr, da República Árabe Unida, que trabalha, há vários meses, na classificação e codificação de documentos escotistas e não escotistas existentes presentemente na Secretaria Mundial. A criação deste serviço resulta do Relatório Nagy, o qual sublinhava a necessidade de estreitar a unidade e de organizar a troca de ideias e de programas e de aumentar o raio de acção do escotismo. Reunir os documentos, compilar e redistribuir todos os géneros de informações serão as tarefas primordiais deste novo serviço. A «formação» será o objectivo inicial.

MÉXICO

Os escoteiros mexicanos ofereceram um busto de bronze de B.-P. aos escoteiros ingleses. O embaixador do México foi o porta-voz dos Caballeros Aztecas de Hacienda. O busto é uma cópia exacta daquele que domina um dos mais belos parques da Cidade do México. Já se encontra em poder de **Lady** Baden-Powell e será exposto na Casa de B.-P., em Londres.

NORUEGA

A pedido dos três associações escoteiras e de guias, uma equipa de inquiridores profissionais empreendeu uma sondagem à opinião pública sobre o escotismo. O questionário perguntava, entre outras coisas, se o escotismo era acessível a toda a gente (60 % sim e 15 % não), se os jovens tiravam benefício por pertencerem ao movimento (77 % sim) e se o escotismo era um movimento actual (25 %), fora de moda ou ultrapassado (10 %) ou numa posição intermédia (33 %). Procurou-se também conhecer as preferências dos jovens: campismo e excursões, actividades culturais, disciplina, vida em sociedade, etc. Conclusão: decidiu-se fazer modificações nos programas escotistas e está em vias de realização uma política de relações públicas.

QUÉNIA

Um grupo de escoteiros anexo a uma escola, plantou quatro árvores nos terrenos da instituição. Foi sugerido, nessa altura, «que cada escoteiro e cada chefe devia plantar anualmente uma árvore, pelo menos, a fim de que o Quénia se torne no país da verdura».

FILIPINAS

O «Rover Circle» n.º 6, de Manila organizou um «Campo da Boa Acção» na reserva dos Dumagats, povo primitivo minoritário. Além de se terem familiarizado com os usos e costumes dos Dumagats, os caminheiros ministraram-lhe cursos de higiene, ensinaram-lhes jogos escotistas e determinadas maneiras de melhorar a vida comunitária, insistindo nos aspectos dos primeiros socorros e nos meios de segurança contra acidentes.

TANZANIA

Ao passo que os técnicos do governo não conseguiram abrir senão poços inutilizáveis no Planalto de Rondo, um grupo de escoteiros decidiu cavar três novos poços e conseguiu encontrar a água tão desejada! Os lavradores da região, até essa altura tinham de percorrer 10 milhas para fazerem os seus aprovisionamentos de água fresca.

INGLATERRA

Os *Venture Scouts* de Redditch visitaram a secção experimental do hospital de Lea, em Bromsgrove, Worcester, secção esta destinada a crianças cegas, surdas e mudas e com outras deficiências. Tão emocionados ficaram os escoteiros com o que viram, que resolveram construir um parque de diversões para aquelas crianças. Utilizando, com muita imaginação, materiais diversos (pneus usados, bobinas de cabo telefónico vazias, madeiras de construção, manilhas, etc.), tornaram esse local num verdadeiro terreno de aventura, que é um permanente desafio e uma fonte de prazer para aquelas crianças.

JAPÃO

O grupo internacional de escoteiros n.º 1 do Colégio de S. José, de Iocoama, celebra este ano um duplo aniversário: o 50.º da sua fundação e o 15.º, no que diz respeito aos escoteiros caminheiros, de serviço como reguladores do trânsito à saída das escolas. Estes caminheiros receberam, além disso, um treino especial para servirem como polícias em caso de urgência.

ESCÓCIA

Os escoteiros de Renfrewshire elaboraram um projecto que lhes permitirá, ao mesmo tempo, recolher fundos e desempenhar um serviço de interesse público: percorrem as ruas da cidade, por sectores prèviamente escolhidos, a fim de verificar a iluminação pública e de dar a conhecer às autoridades municipais as anomalias e os defeitos da iluminação.

ALTO VOLTA

Os escoteiros do distrito de Nouna publicaram um boletim no qual fizeram uma lista de provas de capacidade adaptadas à forma de escotismo rural que existe neste distrito. O escoteiro deve saber construir uma casa, fazer tijolos, tratar das árvores, ter uma actividade pessoal para ganhar dinheiro (tecelagem, fabricação de cadeiras, etc.). Deve também procurar melhorar a sua maneira de cultivar e tentar fazer escoar a água quando há chuva em abundância e de a reter quando escasseia. Nas povoações, trabalha com regentes agrícolas, aos quais pede ensinamentos para os transmitir e explicar aos outros.

Jambori dos escoteiros polacos no exílio

De 5 a 17 de Agosto p. f., realiza-se perto do Mosteiro de Monte Cassino, na Itália, um grande acampamento de mais de 1 000 escoteiros polacos, exilados em diversos países, como sejam a Inglaterra, França, Canadá, Estados Unidos e outros.

O local é em Frosimone, no referido Monte, ao sul de Roma. A participação custa 30 000 liras.

Para este acampamento, são convidados escoteiros de todas as nacionalidades.

Seria realmente de muito interesse que, neste local histórico, onde se realizou uma memorável batalha durante a Guerra Mundial, estivessem também presentes alguns escoteiros portugueses durante esta importante actividade escotista.

GAGO COUTINHO

Continuação da pág. 1

O que foi a recepção no Rio de Janeiro e a do regresso, em Lisboa, não é possível descrever em poucas linhas. Os bravos aviadores tiveram a consagração que mereciam.

Porém, a valiosa missão de Gago Coutinho não terminou com este histórico voo. Doravante iria entregar-se, com afã, às investigações oceanográficas, estudando as rotas dos navegadores portugueses e defendendo intransigentemente, com provas documentais, a tese de que os Descobrimentos foram realizados, não por acaso, mas cumprindo metòdicamente um plano prèviamente traçado, mercê dos extraordinários conhecimentos náuticos alcançados pelos portugueses.

Na sua laboriosa acção científica, atravessou por diversas vezes o Atlântico, numa delas, já com a idade de 75 anos, a bordo da barca «Foz do Douro», o último grande veleiro da marinha mercante portuguesa. Nessa viagem, de Santos a Leixões, foi utilizado o astrolábio, como o fizeram os nossos navegadores de antanho, confirmando assim as teorias que, sobre o assunto, há anos vinha defendendo com denodo.

Foi esta a vida, quase legendária, de um grande português, estudioso, ousado e amante do seu labor, que, apesar dos louros que as próprias façanhas lhe outorgaram, nunca esqueceu o mesmo espírito de humildade que o tornaram numa das figuras amadas pelo povo de Lisboa.

Os escoteiros, que não faltaram à grande manifestação no regresso da aventurosa travessia aérea, podem colher magnífico exemplo na vida deste homem que, com tanta mestria, soube aliar a grandeza dos seus feitos com a lhaneza de carácter.

J. R.

Um acto de coragem e generosidade

Uma senhora francesa da ilha das Flores encontrou-se recentemente em situação aflitiva, carecendo com urgência de séria intervenção cirúrgica. Pedidos socorros, destacou-se um avião «Dakota» da Força Aérea Portuguesa para conduzir ali uma equipa médica para prestar a assistência necessária.

Aquela ilha, porém, dispunha apenas de uma pista de acanhadas dimensões, ainda em construção, e sem as necessárias condições de segurança para uma aterragem dessa natureza. Apesar disso, nem a equipa médica pôs qualquer dificuldade na missão a efectuar nem a equipagem se furtou à responsabilidade de tão arriscada operação. Tudo decorreu com inteiro êxito, tendo sido publicado expressivo louvor a todos os intervenientes.

Da tripulação fazia parte o segundo sargento mecânico Fernando Sérgio Larangeira, que foi escoteiro do Grupo n.º 93, de Sintra.



1.os Jogos Florais Escotistas

No dia 22 de Fevereiro p. p., realizou-se no salão nobre dos Bombeiros Voluntários Lisbonenses a sessão de encerramento dos primeiros Jogos Florais Escotistas, promovidos pelo Grupo n.º 7, com o patrocínio do Jornal «Diário Popular».

À cerimónia, a que assistiram algumas dezenas de actuais e antigos escoteiros e algum público, presidiu o Sr. Comandante António Tengarrinha Pires, escoteiro-chefe-geral da A. E. P., ladeado pelos Senhores Reverendos Padre Aparício e Vasco Tavares, presidente da Direcção do Grupo n.º 7.

Igualmente presentes representantes da imprensa, rádio e TV.

Aberta a sessão, tomou a palavra o chefe do grupo que, depois de saudar os presentes, se referiu ao 112.º aniversário do nascimento de Baden-Powell, que naquele dia se comemorava. A propósito de tal facto, e falando especialmente para os escoteiros, citou diversos episódios da vida do Fundador na sua meninice e juventude.

Falou a seguir o Sr. Gustavo Henriques de Almeida, que fez a história daqueles primeiros Jogos Florais Escotistas, jornada que mais uma vez vem realçar o esforço do 7 em prol do desenvolvimento intelectual dos escoteiros.

Tomou depois a palavra o Sr. Escoteiro-Chefe-Geral para dar a conhecer os nomes dos premiados. A estes foi dada a oportunidade de lerem aos microfones (também da E. N.) as suas produções, o que tornou mais agradável o longo período da distribuição dos numerosos e interessantes prémios atribuídos.

Entre os vencedores, destacou-se a chefe de Alcateia do grupo organizador, Maria Liseta Azevedo Tavares, que chamou a si grande parte dos prémios atribuídos.

Nos Jogos Juvenis, dedicado aos lobitos, o mais premiado foi Orenzio Santi, recebendo igualmente prémios Ramon Galarza, José Romão da Silva e José Pedro Mimoso, todos da alcateia do grupo n.º 7.

Em fim de festa, houve um recital pelo declamador Mário Neves e canções escotistas interpretadas pelos escoteiros.

M. G.

Uma festa no Grupo N.º 7

Com o vasto salão social dos Bombeiros Voluntários Lisbonenses, a que está anexo, completamente cheio, o Grupo n.º 7 dos Escoteiros de Portugal promoveu, na tarde do domingo, dia 25 de Maio passado, uma interessante festa, que decorreu no meio da maior animação.

O Chefe Miguel Martins abriu a sessão com palavras de agradecimento para todos os presentes e de louvor para os escoteiros que dedicadamente prepararam o bem elaborado programa. Foi depois apresentada a comédia «Ressonar sem dormir», inteiramente desempenhada por escoteiros, que representaram muito bem os papéis que lhes foram distribuídos.

Ao intervalo, o nosso amigo Sr. Luís Simões Aurélio, vice-presidente da Mesa da Assembleia Geral daquela associação de bombeiros voluntários, e em nome dos Corpos Gerentes da mesma, entregou ao Grupo n.º 7 um novo estandarte que lhe era oferecido pela Corporação, proferindo a propósito palavras de apreço para o Escotismo e de estímulo para os rapazes.

A festa continuou depois, tendo sido apresentado um número de ilusionismo pelo caminheiro Armando Carlos e algumas canções pelo caminheiro José Luís, e ainda uma exibição da conhecida parelha de palhaços Luderito e Zequita. A terminar, foi apresentada a comédia «As voltas que o mundo dá», em que novamente elementos do Grupo puseram muito bem à prova as suas possibilidades artísticas.

À festa assistiu o Sr. Eng.º Nobre Santos, escoteiro-chefe-geral adjunto.

DE QUELUZ

Grupo N.º 23

LEMA DO GRUPO

Este Grupo adoptou o lema «*O que vale não é o que temos... É o que somos capazes de fazer com o que temos!*».

NOVOS ESCOTEIROS

No dia 22 de Fevereiro último, fizeram o compromisso de honra dois novos elementos deste grupo: Carla Maria de Campos Bugalho e Justino Estêvão de Oliveira e Silva.

RECOMPENSAS

Pela Direcção Central da AEP, foi agraciado com a medalha de Agradecimento, classe prata, o sr. Eng.º Vítor Manuel d'Alcobia Ferreira, pelos relevantes serviços prestados a este Grupo, designadamente na cedência gratuita das instalações onde esteve instalada a sede provisória desta unidade.

Também os escoteiros Alberto Henrique da Conceição Vera Estrela, Carlos Paulo Oliveira dos Santos, Justino Estêvão de Oliveira e Silva e Jaime dos Santos Pereira foram distinguidos, pela mesma entidade, com a medalha de Assiduidade, classe cobre.

COMISSÃO TÉCNICO-PEDAGÓGICA

Sob a direcção do sr. Justino Estêvão da Silva, escoteiro-chefe deste Grupo, foi criada esta Comissão, composta por antigos escoteiros, dirigentes e outras pessoas de reconhecida capacidade, a qual tem por finalidade estudar e elaborar planos de actividade e auxiliar a chefia, nos termos dos regulamentos em vigor.

ANIVERSÁRIO DO GRUPO

O 1.º aniversário deste Grupo foi comemorado no dia 22 de Fevereiro p. p., com uma festa em que estiveram presentes todos os dirigentes, escoteiros e famílias.

O chefe do Grupo abriu a sessão, pronunciando algumas palavras alusivas ao acto. A seguir, foi prestada homenagem à memória de Baden-Powell, findo o que fizeram o compromisso de honra dois novos elementos do Grupo.

O presidente da Direcção, sr. Capitão António Gomes Rocha, proferiu uma patriótica alocução, especialmente dirigida aos novos escoteiros. Em seguida, foram entregues medalhas, prémios e distintivos, bem como as estrelas de antiguidade, a diversos escoteiros do Grupo aniversariante.

Houve depois um acto de variedades, organizado pelos escoteiros, tendo a agradável reunião terminado com um chá de confraternização, que decorreu em ambiente de grande camaradagem.

As iniciativas de «Sempre Pronto»

A EXCURSÃO A VALE DE LOBOS E CALDAS

Conforme estava aprazado, realizou-se em 22 do corrente a excursão promovida por este jornal, comemorativa do seu 25.º aniversário, em que se visitou Santarém, Vale de Lobos, Caldas da Rainha, Óbidos, Praia da Areia Branca e Torres Vedras.

No próximo número, referir-nos-emos, mais detidamente, a este acontecimento.

CURSO DE DESENHOS

Termina no dia 30 deste mês o prazo para entrega dos trabalhos deste concurso, a que podem concorrer os lobitos e jovens leitores de idades compreendidas entre os 7 e os 11 anos.

Brevemente publicaremos a lista dos prémios, bem como a composição do júri.

CONCURSO PARA OS ESCOTEIROS DE LISBOA

Terminou no dia 5 deste mês, tal como havíamos anunciado, o prazo para a recepção dos trabalhos deste original concurso.

Os Chefes dos diversos Núcleos dos Escoteiros de Portugal no Continente estiveram reunidos nos Serviços Centrais

Em 24 de Maio passado, estiveram reunidos em Lisboa, com a Chefia Geral, dirigentes de todo o Continente e de Angra do Heroísmo, a fim de estudarem a situação do Movimento e os meios de promover o seu desenvolvimento.

Estiveram presentes os srs. Comandante Tengarrinha Pires, Chefe-Geral; Eng.º Nobre Santos, seu adjunto; Arnaldo Couto, chefe do Núcleo de Gaia, que representava também o chefe do Núcleo do Porto; João Madeira e Mário Luzano Leite, chefes dos Núcleos A e B de Lisboa; José Manuel Pereira, chefe do Núcleo B do Algarve; João Miranda Trigueiros, delegado dos Serviços Centrais na Região Sul; e Jacinto dos Reis Moniz Silva, chefe do Grupo 52, de Angra do Heroísmo.

Em sessões de trabalho, que se prolongaram por sete horas, foram debatidos os seguintes assuntos:

— Constituição dum Clã ou Clube de Caminheiros nos Serviços Centrais, com elementos de vários Grupos de Lisboa, a que continuam a pertencer, e possível ensaio do sistema no Porto.

— Estabelecimento das bases para um concurso intergrupos, a disputar em cada Núcleo durante o resto do corrente ano. Taças concedidas pelos S. C.

— Estabelecimento das bases para a programação dum concurso geral interpatrulhas, a disputar em 1970.

— Estudo das possibilidades de expandir e aperfeiçoar a aplicação do Lobitismo — prosseguimento dos encontros de Chefes de Alcateia, realização de trocas de visitas e demonstrações pelas Alcateias de Lisboa ao Porto e ao Algarve.

— Estudo e realização dum Curso de Guias de Patrulha, em acampamento de uma semana, no Campo-Escola da Caparica, para guias do Norte, Centro e Sul, a realizar no fim do próximo verão.

Efectuou-se ainda um jantar de convívio, que proporcionou oportunidade para trocas de impressões sobre os programas traçados.

II Concurso de Fotografia para Escoteiros

Conforme temos noticiado, o Clã 6 do Agrupamento LXVII do C. N. E,. levou a efeito uma interessante iniciativa: o II Concurso de Fotografia.

O empreendimento teve a sua consagração no dia 24 de Maio último, com a inauguração de um certame na sede do Clube de Campismo de Lisboa, onde foram expostos os 80 trabalhos concorrentes aos três temas admitidos: escotismo, paisagem e retrato, e ainda de 21 fotografias que, embora versando os mesmos temas, estavam fora de prova.

A exposição foi inaugurada durante uma cerimónia que contou com a presença dos srs. Subsecretário de Estado da Juventude e Desportos, comissário nacional adjunto da Mocidade Portuguesa e Reverendo José Fialho, assistente regional do CNE, que representava a Junta Regional de Lisboa da associação irmã.

A exposição, que esteve patente ao público até o dia 1 do corrente, foi muito visitada, em especial por elementos do Corpo Nacional de Escutas, da Associação dos Escoteiros de Portugal e da Associação das Guias de Portugal, concorrentes a esta iniciativa e muitos amigos do movimento.

Aquele membro do Governo fez a entrega dos prémios aos vencedores de cada uma das modalidades admitidas, tendo sido declarado vencedor absoluto o concorrente José Augusto Frade Russo.

Parabéns aos briosos rapazes do Clã 6 por esta magnífica realização.

Comemorações do Dia do Escoteiro no Corpo Nacional de Escutas

No domingo dia 25 de Abril, integrado na tradicional comemoração do «Dia Universal do Escotismo» (23 de Abril), a Junta Distrital de Lisboa do Corpo Nacional de Escutas levou a efeito uma missa de acção de graças, que foi celebrada pelo Senhor Arcebispo de Mitilene, à qual assistiram muitas centenas de dirigentes, escoteiros e lobitos daquela Associação, bem como elementos das Guias de Portugal e da Associação dos Escoteiros de Portugal e, ainda, a Direcção da Fraternal e alguns antigos escoteiros.

Na homilia, o Senhor Arcebispo de Mitilene referiu-se ao valor do Escotismo na formação do carácter dos jovens, evocou a sua própria experiência quando colaborador do Movimento e exortou os escoteiros a procurarem manter-se fiéis à sua Promessa, elevando-se cada vez mais como homens e como cristãos.

«Sempre Pronto» esteve presente na cerimónia, através do seu redactor principal.

★

À tarde, no Parque Eduardo VII, teve lugar a tradicional gincana de trotinetas e carros de madeira, que desde há anos o C. N. E. organiza pontualmente, a qual decorreu com o costumado entusiasmo. A presença de concorrentes da A. E. P. deu certo carácter «*internacional*» à competição, que mais uma vez constituiu óptima jornada de propaganda do Escotismo, dado o numeroso público que sempre regista.

A electricidade exige cuidados

A electricidade pode ser um servidor dócil ou um mortal inimigo. É, portanto, da maior conveniência conhecer, a propósito da electricidade, a maneira de nos protegermos bem contra os seus perigos.

A primeira ideia a fixar é a de que não é a quantidade de electricidade num circuito que pode provocar a morte, mas sim a quantidade de corrente que circula nos nossos órgãos vitais.

Por exemplo, podemos trabalhar com toda a segurança numa máquina, com uma voltagem relativamente elevada, se não nos aproximarmos demasiado das ligações sob tensão, se a máquina estiver bem ligada à terra e bem protegida por meio de fusíveis.

Por outro lado, mesmo a tensão comum de 110-120 vóltios pode ser fatal se a manipularmos com as mãos húmidas ou no momento em que estamos em contacto com uma ligação à terra, tal como um sobrado ou um solo húmido, uma conduta de água ou um radiador.

Num fio, a electricidade procura sempre um meio de chegar à terra — ou a outro fio, num circuito de dois fios. Eis porque se utiliza um terceiro fio nos circuitos de maior tensão. É o isolante que mantém a electricidade no seu lugar. O ar é um bom isolante. A pele também, mas um pouco de sujidade, um pouco de suor, um pouco de humidade e o isolamento desaparece. Portanto, é preciso utilizar com cuidado os cabos eléctricos. Quando for preciso uma extensão, importa que ela esteja em bom estado.

O vulgar cordão de extensão é inofensivo na sua aparência. Não tem peças móveis, não tem chamas, nem barulho, nada que indique que poderá esconder perigos. No entanto, se o maltratarmos, pode apresentar graves riscos.

Há uma coisa que um fio de extensão não pode aguentar: é um uso demasiado. Se o torcermos, o atarmos, o dobrarmos ou ainda o cortarmos ou esmagarmos, arriscamo-nos a danificar irremediàvelmente o isolamento, o que poderá acarretar um curto-circuito e provocar um choque eléctrico. Portanto, é preciso proteger os cordões. Enrolam-se em voltas largas e não em rolos apertados. Não se esticam inùtilmente. Não se deixam arrastar nos corredores. Alguém poderia embaraçar-se neles. Existem duas razões para esta precaução: evitar as quedas e os estragos no próprio cordão.

A história de um menino, de um cão e de uma orelha

ANTUÉRPIA, 22 — A orelha do pequeno Francis de Bruyn, de 5 anos, já vem de longe.. Na semana passada, o rapaz andava a brincar com um cão enorme no jardim de sua casa, perto de Autuérpia. Durante a brincadeira o animal arrancou uma das orelhas do pequeno e engoliu-a.

O pai do garoto abateu imediatamente o cão, abriu-lhe a barriga e tirou a orelha. Depois Bruyn levou o filho — sem esquecer a orelha — ao hospital de S. Vicente de Antuérpia, onde o órgão foi posto de novo no seu lugar...

É o jornal flamengo «De Standaard» que narra hoje esta história tão invulgar. — (F. P.).

A orelha do menino

A história não é velha:
A história de uma orelha
Comida pelo cão.
A orelha do menino,
O pai a foi buscar
Ao ventre do canino:
Não era o seu lugar
Nem era o seu destino!
Depois, o cirurgião
Conseguiu colocar,
Com muita precisão,
A orelha do menino.
O cão era guloso
Ou era brincalhão?
Não sei. Mas pais e mães
Aqui encontrarão
Uma lição das velhas:
Coutela com os cães!
Guardai bem as orelhas!

E. M.



Escola de Chefes

Insígnia de Madeira

Tem estado a prestar provas para a I Parte do Curso de Insígnia de Madeira, para Escoteiros, o sr. Horácio José Paiva, instrutor de ginástica do Grupo n.º 17, do Porto.

Através do intercâmbio entre os Campos-Escola e como consequência dos trabalhos em curso no sector de Formação e Treino dos Escoteiros de Portugal, o referido dirigente frequentou um curso preliminar em Fraião (C. N. E.), tendo-lhe sido conferido o respectivo certificado pelos serviços dos Escoteiros de Portugal.

Novos Grupos de Escoteiros

Grupo N.º 24 — FUNCHAL

O nosso estimado amigo e colaborador sr. Antònio Pestana, que vai chefiar o Gruno n.º 24 em activa reorganização no Funchal, prestou satisfatòriamente as provas gerais teóricas para Escoteiro-Chefe, de harmonia com as normas regulamentares.

Grupo N.º 18 — CUCUJÃES

Também o nosso estimado assinante sr. Mário Vieira Dias, que vai chefiar o novo grupo naquela vila perto de Oliveira de Azeméis, tem pràticamente concluídas as mesmas provas.

Outros novos chefes estão em vias de prestar estas provas, notando-se louvável esforço entre os novos dirigentes para uma eficiente preparação, o que constitui uma boa esperança o futuro do Escotismo.

«Escotismo e Política»

Já depois de ter sido encerrado o apelo que fizemos aos nossos estimados amigos para colaborarem na publicação desta separata, recebemos ainda um donativo de Esc. 20$00 do prezado companheiro sr. João Trigueiros, digno chefe do Grupo n.º 6, de Olhão.

Agradecemos esta preciosa colaboração.

Uma interessante experiência dos escoteiros do Paquistão com diminuídos fisicamente

O escotismo teve sempre uma perfeita consciência da responsabilidade que lhe competia de ajudar os jovens diminuídos física ou mentalmente a tornarem-se membros activos da sociedade. O Paquistão interessou-se por este problema e a fórmula adoptada no caso que vamos descrever pode-se revelar igualmente eficaz para outras escolas e povoações.

Há dez anos, a Associação dos Escoteiros do Paquistão Ocidental introduziu no país o escotismo para os diminuídos fisicamente. A experiência revelou que, para esses jovens, não havia qualquer dificuldade de adaptação ao movimento. Uma das principais razões reside em que eles dificilmente encontram acesso noutros lados. Por este motivo, o programa especial que lhes oferece o escotismo exerce sobre eles uma atracção incontestável.

Uma dessas experiências passou-se com um jovem cego desejoso de ser professor.

A Associação conseguiu que o admitissem numa escola normal e, com grande surpresa do departamento de instrução pública, terminou o curso em 3.º lugar num grupo de 120 estudantes. Mas a questão não estava efectivamente resolvida, visto que não se conseguia encontrar um posto para leccionar. O problema deu ensejo a uma segunda experiência. Um inquérito revelou que a maior parte dos pais de crianças diminuídas fisicamente hesitava em enviá-las para uma escola ordinária e preferia tê-las em casa.

Foi então que, por iniciativa do comissário do distrito de Lahore, de colaboração com o Lion's International Club e uma escola secundária muçulmana, se organizou uma aula especial, com provisão para o salário do professor cego e equipamento de *braille*. A Associação forneceu, por sua parte, os uniformes escotistas e o equipamento recreativo.

A aula começou a funcionar com dois alunos. Depois o número elevou-se até seis. Os progressos destes jovens bem depressa se tornaram evidentes. Com a ajuda de um generoso benfeitor, pôde-se fabricar e vender objectos e os resultados destas transacções serviram para a compra de mais equipamento de *braille*. Para obter estes artigos no estrangeiro, teve-se evidentemente de vencer as dificuldades emergentes das restrições monetárias.

Mais tarde, foi aprovada uma nova insígnia destinada aos escoteiros que trabalhassem junto de jovens diminuídos fisicamente durante 72 horas ao longo de um período de 36 semanas. Os resultados foram sensacionais. No primeiro *rallye* provincial Walton (Lahore), notou-se a presença de mais de 300 escoteiros diminuídos fisicamente. O público tomou então consciência do problema. A Cruz Vermelha ofereceu cadeiras de rodas e os Rotários australianos deram também uma ajuda financeira.

O quartel-general provincial constituiu uma fundo que deve permitir a realização do projecto de um acampamento para escoteiros diminuídos. Desde que o jovem possa ganhar, ele próprio, 10 % da importância necessária, são-lhe dados os 90 % que faltam para participar no acampamento. O jovem tem assim consciência da sua contribuição efectiva e pessoal.

O escotismo para diminuídos fisicamente expandiu-se muito e nele estão agora compreendidas actividades para cegos, surdos e deficientes mentais. Assim, por meio de uma colaboração internacional, foi possível oferecer a um homem competente uma posição social digna e permitir a jovens (dez actualmente) o acesso mais fácil à instrução. Decerto que outros problemas de ordem financeira e técnica ainda persistem, mas eles serão resolvidos.

O caminho está aberto, o que permitirá encontrar numerosas soluções para este problema de primeira importância. É necessário ajudar os jovens diminuídos na sua luta por uma participação mais efectiva no seio da colectividade. Não obstante as suas muito particulares características, isto é verdadeiramente Escotismo!

(Do «*Boletim do Escotismo Mundial*»

Tribuna dos mais novos

Teve muito bom acolhimento pelos nossos leitores a nova secção que iniciámos no último número, pelo que esperamos que os novos colaboradores lhe dêem a continuidade indispensável para o seu êxito.

Podemos sintetizar a opinião dos nossos leitores no parecer que nos dá o nosso distinto colaborador Senhor Rev.º Eduardo Moreira, que nos diz: «*A Tribuna dos Mais Novos» é excelente iniciativa, e começa muito bem.*

Opinião dos Leitores

O estimado Leitor não está de acordo com qualquer assunto publicado neste jornal. Pois manifeste em meia dúzia de linhas o seu desacordo, que serão aqui publicadas.

Está de acordo! Agradou-lhe mesmo qualquer opinião aqui expressa. Pois diga-nos de igual forma. Isso será também interessante registar.

O campo de jogos do Parque de Escotismo da Caparica encontra-se concluído

Estão concluídas as obras de construção do Campo de Jogos da Caparica, excelente e vasto recinto, onde poderão ser praticadas diversas modalidades desportivas, como voleibol, basquetebol, hóquei patinado, andebol e futebol de salão.

Trata-se, portanto, de mais um excelente meio de acção de que podem dispor os grupos da Região Centro e, eventualmente, de todo o país.

Famoso antigo escoteiro

Graham Hill, campeão mundial de corridas de automóveis, é um antigo escoteiro do 8.º Grupo de Hendon, Inglaterra.

Este interessante facto tornou-se conhecido quando Mr. Hill aceitou o convite que a Associação dos Escoteiros da Grã-Bretanha lhe dirigiu para fazer parte da sua Comissão Nacional para a Angariação de Fundos.

NOVOS ASSINANTES

O noso estimado amigo sr. João Lobo Miranda Trigueiros, chefe do Grupo 6 de Olhão e delegado dos Serviços Centrais no Algarve, teve a amabilidade de nos enviar a assinatura do sr. José Alberto Correia Bonança, escoteiro daquele Grupo.

Também o Escoteiro sr. Luís Manuel Ganhão dos Santos Antunes, do Grupo n.º 8, nos enviou a sua própria assinatura, além de nos oferecer a sua colaboração, que gostosamente aceitámos e aguardamos.

A todos os nossos agradecimentos.

O apelo da Fraternal

O apelo que a Fraternal lançou há meses nas colunas deste jornal, teve os seus resultados, mercê das generosas ofertas dos estimados companheiros srs. Joaquim de Sousa Piscarreta e António Pacheco da Silva.

No entanto, ainda continua a ser necessária a obtenção de uma máquina de escrever em boas condições de uso e de mais cadeiras para a sede da Fraternal.

Onde estão os generosos companheiros que desejem satisfazer estas necessidades da nossa Fraternal?

Jacinto dos Reis Moniz Silva

Esteve em Lisboa em Maio passado, e tivemos o prazer de o abraçar, o solícito e dedicado Delegado de «Sempre Pronto» nos Açores, nosso caro amigo sr. Jacinto dos Reis Moniz Silva, chefe do Grupo 52 de Angra do Heroísmo.

Moniz Silva, que é funcionário da Agência do Banco Português do Atlântico naqueia cidade, veio ao Continente para participar no banquete comemorativo do Cinquentenário daquela instituição bancária, tendo aproveitado para visitar os Serviços Centrais da A. E. P., a Fraternal, e «Sempre Pronto», tendo tomado parte na Tertúlia do passado dia 23.

Agradecemos a gentileza da visita.

Os lobitos dinamarqueses

Todos os anos, tanto os lobitos como os escoteiros dinamarqueses procuram juntar, cada um cinco coroas (cerca de vinte escudos) numa semana do mês de Setembro.

A verba apurada é remetida à sede da sua Associação, que, por sua vez, a envia, como uma «boa acção», para as crianças doutros países, que sofram de diversas doenças, especialmente de lepra.

Por ocasião do Natal, muitas alcateias dinamarquesas praticam uma «boa acção» especial: levam doces a hospitais infantis ou oferecem uma sessão recreativa numa casa de repouso ou lar de pessoas idosas.

SEMPRE PRONTO

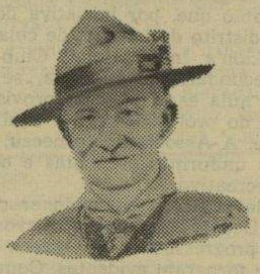
Número 290

Junho de 1969

MENSÁRIO ESCOTISTA

Propriedade do Círculo Fraternal de Cooperação Escotista

O BOM HUMOR DE BADEN-POWELL



Convidamos, de novo, os nossos estimados amigos a enviarem-nos transcrições de episódios, anedotas e outras sentenças de espírito que constituem o espólio da graça e bom humor de Baden-Powell, que estão dispersas por revistas, livros e jornais, ou que são contadas através da simples tradição oral, a fim de serem integradas nesta nova secção de «Sempre Pronto».

Até à hora em que preparamos estas linhas, ainda não recebemos qualquer resposta ao apelo que fizemos. Porém, isso não nos admira, visto que o nosso convite mal chegou ao conhecimento dos nossos leitores. Renovamos a promessa de publicar o nome daqueles nossos amigos que nos quiserem distinguir com essa preciosa colaboração.

Neste número, reproduzimos um episódio do livro «Baden-Powell, Cidadão do Mundo», publicado na secção «Escutismo» do diário «Novidades»:

«O caso fora brusco e imprevisto para Baden-Powell; na terça-feira, 8 de Julho de 1899, jantava ele no seu clube. No momento em que pegava na mostarda, o ajudante de campo de Lorde Wolseley interpelou:

— Ouça cá, julgava que estava na Índia. Acabo de lhe telegrafar para regressar, porque o major-general quer falar-lhe.

Baden-Powell, aparentemente indiferente, acabou de estender os picles em abundante quantidade sobre a sua costeleta, e respondeu depois calmamente:

— Óptimo; como vê, estou aqui!

E de tal maneira estava, que foram ambos ao Ministério da Guerra. Lorde Wolseley, entre os seus favoritos, pousava sobre o interlocutor um olhar frio e duro. Tinha a pretensão de ser perito em conhecer caracteres e utilizava a surpresa para estudar as reacções dos outros.

— Desejo enviá-lo para a África do Sul, — disse, à queima-roupa.

— Está bem, meu general, — respondeu Baden-Powell, com o tom correcto dum criado bem educado.

— Pode partir no próximo sábado?

— Não, senhor.

Lorde Wolseley franziu as sobrancelhas. Não gostava de contradição e o tom humilde e falsamente modesto do seu interlocutor não lhe agradava muito.

— E porquê, se faz favor?

— Porque não há barco no sábado; mas posso partir sexta-feira!

Wolseley teve um riso abafado. Esta resposta confirmava a sua escolha deste homem bem dotado, desportivo, audacioso e original, que sabia desembaraçar-se das regras rígidas e destruir as convenções estabelecidas, para tentar novos métodos, mais adaptados às circunstâncias, e aplicá-los inflexivelmente no plano que tinha proposto.

Cordialmente, tanto quanto ele era capaz de testemunhar cordialidade nas suas relações com um subordinado, o ministro explicou-lhe a sua missão. Tudo fazia prever uma guerra imediata com os Boeres e Baden-Powell...».

N. E.

Escoteiros e não escoteiros! Filatelistas e não filatelistas! Ajudem!

Juntem e mandem selos usados à A. E. P. (Associação dos Escoteiros de Portugal — Cais do Sodré — Lisboa-2), para que esta, por sua vez, e juntando os que arranja entre amigos, os remeta à Repartição Mundial do Escotismo com destino ao Fundo especial criado para ajudar o ESCOTISMO DE EXTENSÃO (cegos, deficientes motores, etc.).

Pensando só no efectivo da A. E. P. e nos inscritos na Fraternal dos Antigos Escoteiros, digamos 1 000 membros ao todo, SE CADA UM DELES ENVIAR POR ANO 100 SELOS USADOS, no fim do ano a A. E. P. poderia remeter para a REPARTIÇÃO MUNDIAL

100 000 SELOS !

E se fosse UM MILHÃO?

Se em todo o Mundo cada escoteiro enviasse por ano 1 selo (Um!), vender-se-iam 10 MILHÕES DE SELOS USADOS a favor deste Fundo.

Vamos ajudar! É fácil. Criem o hábito!

O Prof. Marcelo Caetano no Brasil

Notícia o jornal «O Século» que, por ocasião da visita do sr. Presidente do Conselho ao Brasil, a realizar-se no próximo mês, 900 escoteiros de todo o país vão reunir-se num acampamento nacional em Belo Horizonte, como homenagem ao sr. Prof. Marcelo Caetano.

O acampamento será inaugurado no dia 9 de Julho pelo chefe do Governo português, cuja visita a Belo Horizonte já foi confirmada pelo Itamariti, e prolongar-se-á até o dia 13.

JUVENTUDE E ADULTOS EM CRISE

Desde há algum tempo que vêm sendo feitos grandes esforços para descobrir, analisar, condenar ou louvar a crise geral que atravessa a juventude do mundo inteiro. Concordo que esta crise existe, mas estou convencido de que ela é apenas uma parte de um mais amplo fenómeno presente na sociedade como um todo, que se mostra aparentemente incapaz de resolver o principal problema dos nossos dias: Como adaptar o homem, sem choques, às promessas e aos perigos da era tecnológica?

A juventude é acusada de versatilidade, instabilidade, impaciência, violência e não sei de que mais ainda, mas esquece-se que frequentemente se trata de uma reacção sã contra um mundo muitas vezes imperfeito, que esta turbulência juvenil pretende melhorar.

É mesmo evidente: estes jovens contestadores não conseguiram ainda descobrir, e talvez nunca venham a fazê-lo, soluções miraculosas para os problemas humanos, de que acusam o mundo adulto de não ter sido capaz de resolver ou pôr em prática soluções adequadas. E é por esta razão que nós, adultos, não devemos abdicar da nossa responsabilidade para com esta geração que surge em efervescência. A responsabilidade é comum.

Creio sinceramente que os rapazes de hoje não são piores do que nós fomos na sua idade. Pelo contrário. Têm mais ideais que os adultos de hoje, ainda mesmo se os exprimem de maneira ruidosa, irreverente e ingénua. Só uma ínfima minoria crê na violência — no presente hàbilmente explorada por interesses comerciais — a maioria da juventude sabe que a revolução não se aprende através de Mao ou Castro, mas com I. B. M. ou «Control Data». Além disso, a sua inquietude revela que procura soluções. A sua profissão de fé — mesmo se é confusa e desorientada — esconde um sentimento de generosidade que seria lamentável ignorar e estúpido condenar. Diàriamente somos testemunhas de maravilhosos actos de coragem, heroísmo e de sacrifício de jovens que, nos momentos de calamidade pública, estão sempre disponíveis, muitas vezes mesmo sem terem sido chamados.

É dever do educador — e o chefe escoteiro é um deles pelo seu exemplo e pela sua experiência — transformar em qualidades os defeitos múltiplos dos jovens e desenvolver o famoso 5 % de bom que existe em cada um, como nos recomenda Baden-Powell. Assim, a violência, a versatilidade, a dispersão, a hesitação e indecisão, transformar-se-ão em energia criadora, mobilidade, curiosidade, sensibilidade e disponibilidade, qualidades indispensáveis, primeiro, para compreender o nosso mundo em mutação a uma velocidade louca, para em seguida nele se integrar com felicidade, adaptando-se às suas exigências em evolução. Este é o desafio do Escotismo do nosso tempo.

Laszlo Nagy

Secretário Geral da Repartição Mundial de Escotismo

Do «World Scouting» de Abril-Junho de 1969.

Para atingir os seus fins, a maior parte dos homens é mais fàcilmente capaz de um grande esforço que de uma longa perseverança. A preguiça ou a sua inconstância impede-os de colherem os frutos das melhores iniciativas.

LA BRUYÈRE